

Mina Brejuí e os espaços de trabalho operário: da patrimonialização à transformação em lugar de memória*

KALIENE ALESSANDRA RODRIGUES DE PAIVA*

Introdução

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada na disciplina de Educação Patrimonial e Ensino de História, ministrada pelo professor Dr. Roberto Airon Silva, ofertada pelo Mestrado Profissional em Ensino de História/PROFHISSTÓRIA, na Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Norte/UFRN. Teve como objeto de estudo a Mina Brejuí, localizada na região Seridó, na Cidade de Currais Novos, estado do Rio Grande do Norte e teve como objetivo discutir o processo de patrimonialização ocorrido na cidade e na Mina Brejuí, após ter encerrado suas atividades mineradoras e se transformado em parque temático em 2002.

O recorte temporal que envolveu a análise do objeto de estudo foi delimitado entre os anos da década de 1990, período em que a atividade econômica da Mina Brejuí começou a entrar em declínio com a entrada da China nesse tipo de mercado, até os dias atuais inserindo-a no campo de debate complexo e abrangente, que norteou os processos de patrimonialização presentes na atualidade.

A escolha para abordar a Mina Brejuí como um lugar de memória se voltou primeiramente por ser um espaço que mantém uma relação da memória coletiva com um determinado grupo social, segundo porque essa memória foi transformada em objeto de observação, inserindo-se desse modo, na lógica dos processos museais apontados por Rocha e

* Trabalho desenvolvido sob orientação do prof. Dr. Roberto Airon Silva – Depto de História/PPGEH/UFRN.

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, Mestranda em História pelo Mestrado Profissional em Ensino de História/PROFHISTÓRIA, Natal/RN.

Eckert (2012) e terceiro devido ao processo de patrimonialização que ocorreu na cidade, sobretudo, quando a mina se transformou em parque temático.

A Mina Brejuí começou a desenvolver suas atividades no contexto da Segunda Guerra Mundial, por volta de 1943, quando os Estados Unidos necessitavam de matéria-prima para produzir materiais bélicos. Como produtora de scheelita, a mina até a década de 1990 ganhou destaque na economia, sendo considerada uma das maiores produtoras desse minério no Brasil.

Dentro desse cenário, a Mina Brejuí atrelou à cidade a ideia de “progresso”, atraindo pessoas para essa nova forma de trabalho que lhes dava a perspectiva de obtenção de melhores condições de vida, reunindo diversas famílias em um espaço que provocou mudanças não somente na economia local, mas também nas relações sociais que configuravam este interior do Estado norte-rio-grandense. Com isso, uma nova forma de moradia (as vilas dos operários) e uma nova identidade (a de mineradores) foram se integrando ao cotidiano dos moradores de Currais Novos e trazendo um sentimento de pertencimento, e quando, no final dos anos 90 do século XX, a produção entrou em declínio os moradores começaram a sentir o impacto da perda, de modo que aos poucos a Mina Brejuí foi se tornando um lugar de memória e símbolos foram sendo criados na perspectiva de não deixar cair no esquecimento o espaço de trabalho que revigorou a cidade em seus aspectos econômico e social.

2. Mina Brejuí: a necessidade de musealizar e patrimonializar para preservar a memória coletiva

Analisar o processo de patrimonialização de um espaço urbano e perceber as lembranças e sentimentos de pertencimento àquele lugar, os quais contribuem para a formação identitária de um determinado grupo, não é uma tarefa fácil, assim se faz necessário aprofundar o olhar na dimensão da memória coletiva, que se expressa por meio da materialidade dos elementos físicos, como objetos, monumentos e espaços da cidade.

Cada objeto reencontrado e o lugar que ele encontra no conjunto nos recordam uma maneira de ser comum a muitas pessoas e, quando analisamos esse conjunto e lançamos nossa atenção a cada uma dessas partes, é como se dissecássemos um

pensamento em que se confundem as contribuições de certa quantidade de grupos.
(HALBWACHS, 2006:158).

Para tanto, é fundamental analisar as representações simbólicas dos lugares presentes nos seus bens culturais, sob o enfoque de uma história cultural urbana, por meio da qual se percebe na dinâmica do espaço urbano: “as sensibilidades e sociabilidades dos seus agentes” (PESAVENTO, 2002:13). Desse modo, para compreender as marcas de pertencimento e de identidade coletiva de um grupo social que se constituiu como mineradores através das atividades que realizavam dentro da mina, bem como por meio dos elementos materiais que se tornaram símbolos das atividades desses trabalhadores, foi utilizado o método da Nova História Cultural, para embasar a investigação científica do trabalho. Essa abordagem amplia o campo historiográfico direcionando suas análises para uma história que consiste em problematizar os diversos aspectos do social sob o enfoque da análise cultural, ou seja, coloca no centro da produção do conhecimento histórico “o papel decisivo da cultura como força motivadora da transformação histórica” (DESAN, 2001: 66).

Com a Nova História Cultural, tudo pode ser objeto de estudo – o medo, o amor, a morte, o corpo – o modo como os indivíduos se relacionam com os bens materiais – o modo de vestir, a representação simbólica de lugares e objetos. Portanto, em consonância com a ampliação dos objetos de estudo, alargam-se também as possibilidades de fontes para a investigação histórica. Assim, uma imagem, uma certidão de casamento, bens materiais, rituais religiosos, entre outros, podem ser fontes possíveis para serem investigadas. Ou seja, elementos que possuam um poder de representação simbólica e revele expressões e aspectos culturais de indivíduos particulares ou coletivos de épocas distintas e que possibilitem ao historiador analisá-los e interpretá-los. Um “terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações” (BURKE, 2008:10).

Embasado nesse referencial teórico-metodológico, foi possível examinar como ocorreu o processo de patrimonialização na cidade de Currais Novos e na Mina Brejuí, além dos sentimentos da memória coletiva local, representados nos monumentos e símbolos advindos desse processo.

No espaço urbano da cidade, a patrimonialização aconteceu em duas fases distintas. A primeira foi dentro do contexto histórico e social, a partir da década de 1945 e meados dos anos de 1980, período no qual a Mina Brejuí se evidenciou na região do

semiárido por suas atividades mineradoras que geravam emprego e prosperidade para Currais Novos, despertando nas pessoas uma euforia pelo progresso. Esse sentimento foi observado, tanto com a construção de prédios no centro da cidade e em nomes que referenciavam a mina, como o Hotel Tungstênio, a rádio Brejuí, o Cine Teatro Desembargador Salustino (Tomaz Salustino foi o dono da mina, considerado o pioneiro da mineração no Seridó) e a praça com mesmo nome, assim como a transformação do centro da cidade que era formado, predominantemente, “por casas residenciais, tendo ao centro um mercado público, sendo transformado com o tempo em pontos comerciais”. (BEZERRA, 2014:21), conforme mostrado nas Figuras 1, 2 e 3.



Figura 1: Foto da década de 1940 do Centro de Currais Novos. Observa-se o mercado público no fundo e ao centro, e as casas residências no entorno da rua. No final da imagem percebe-se a construção do Hotel Tungstênio. Fonte: BEZERRA (2014, p. 19)



Figura 2: Imagem atual da Praça Tomaz Salustino, com estátua de Tomaz Salustino no centro, observa-se que o mercado público não aparece mais no cenário remodelado durante o processo de patrimonialização, diferentemente da Figura 1. Fonte: Acervo da autora.



Figura 3: O Cine Teatro Desembargador Salustino, fez parte do conjunto arquitetônico construído no centro da cidade, em 1955, encerrando suas atividades em 1973.

Fonte: Disponível em: <http://www.planetajota.jor.br/blogwescley.php?action=vieentry&id=29>. Acesso em: 30 jun 2017.

A segunda fase se deu na conjuntura do momento de declínio da atividade mineradora, já no final da década de 1980 e início de 1990, ocorrido devido as multinacionais não conseguirem manter os negócios nesta região, levando ao fechamento de várias minas e, posteriormente da Mina Brejuí após a entrada da China no mercado e o consequente barateamento dos preços (BEZERRA, 2014:13). Neste momento difícil, alguns prédios, cujos nomes faziam referência à Mina Brejuí, foram sendo mudados, como por exemplo, a rádio Brejuí passou a se chamar rádio Currais Novos, o Cine Teatro deu lugar a outros prédios, com outras finalidades comerciais.

Paralelamente a essas mudanças, aos poucos símbolos que fizessem lembrar a memória dos operários que trabalhavam nas minas, de suas famílias que moravam na Vila dos Operários e a comunidade entorno desse espaço de trabalho foram surgindo, como a estátua de um minerador, o vagonete que os operários utilizavam para carregar as pedras nos trilhos da mina, com a logomarca da empresa de Mineração Tomaz Salustino e uma peça do engenho foram erguidas na entrada da cidade, sendo, assim a mesma, redesenhada ganhando novos monumentos, como se observa nas Figuras 4, 5, 6, 7 e 8.



Figura 4: Imagem do Cine Teatro Desembargador Salustino, na sua lateral aparece o Hotel Tungstênio.
Fonte: Disponível em: <http://www.rmgouvealeiloes.com.br/catalogo.asp?Num=4807&pag=8>. Acesso em: 30 jun 2017.



Figura 5: Foto tirada no mesmo ângulo da Figura 4. Onde funcionava o antigo Cine Teatro Desembargador Salustino, atualmente, na parte de baixo do prédio funciona uma farmácia e encima e na lateral o anexo do Hotel Tungstênio que se observa ao lado. Fonte: Acervo da autora.



Figura 6: Estátua de operário segurando uma bateia na entrada da cidade. Fonte: Acervo da autora.



Figura 7: Vagonete, instalado em uma rotatória na entrada da cidade que permite o acesso ao centro de Currais Novos. Ao fundo observa-se uma placa informativa indicando o caminho para o Hotel Tungstênio. Fonte: Acervo da autora.



Figura 8: Peça do engenho instalada na entrada da cidade, próximo ao vagonete mostrado na Figura 7. Fonte: Acervo da autora.

Na Mina Brejuí, semelhante com o que foi pensado para La Grand Combe (cidade localizada no sudoeste da França, onde existiu uma comunidade de trabalho que vivia em torno da extração de carvão), percebeu-se que “as formas de vida social e cultural eram passíveis de um processo de musealização” (ROCHA e ECKERT, 2012:18). Com o projeto de transformação da Mina em parque temático, as ferramentas de trabalho, a figura do operário, os instantes de momentos registrados em fotografias e a imagem da Família Salustino, voltaram ao cenário como símbolos do simulacro da memória do processo identitário de trabalhadores que se constituíram como mineradores da região. Desse modo, a mina que antes era um espaço de trabalho se transformou em objeto de observação. Esse

processo é percebido nas Figuras 9, 10, 11 e 12 que mostram como o parque temático foi organizado.



Figura 9: Entrada para o parque temático, onde foram instalados vagonetes carregando pedras e ao fundo uma estátua de lata representando um operário. Fonte: Acervo da autora.



Figura 10: Dentro do parque temático estátuas e vagonetes aparecem na distribuição dos espaços até a entrada da mina. Nesta imagem, em primeiro plano a estátua representa um operário com uma espécie de britadeira e as estátuas ao fundo representando operários empurrando vagonetes nos trilhos. Fonte: Acervo da autora.



Figura 11: Clube de eventos dentro da vila dos operários, decorado com imagem de um operário trabalhando. Em frente a esse clube foi erguido um busto de Silvio Bezerra de Melo, herdeiro e

ex-diretor da empresa de Mineração Tomaz Salustio. Fonte: Acervo da autora.



Figura 12: Frente do Memorial Tomaz Salustino, dentro do parque temático. No memorial, conta a trajetória de vida de seu patrono com imagens e objetos pessoais, e o conjunto de pedras extraídas da mina Brejuí e de outras minas da região. Com operários só tem uma imagem, onde estão todos reunidos em um evento junto com Tomaz Salustino. Fonte: Acervo da autora.

Para compreender o processo de musealização é importante embasá-lo nos estudos sobre etnografia de duração, que permite analisar a dinâmica de cidades no tempo presente, a partir dos sentidos e sentimentos que constituem o tempo histórico de pessoas ou grupos sociais por meio da memória histórica. Partindo do conceito de duração segundo Bachelard (1965), “A duração é uma construção da memória, na força da imaginação” (apud ROCHA e ECKERT, 2012:26), nesse sentido, os estudos com etnografia de duração permitem uma reflexão acerca das diversas e complexas maneiras como os jogos da memória coletiva atuam dentro das estruturas dos espaços-temporais, onde ocorre o diálogo entre os tempos vividos e pensados pelas pessoas que constituem o corpo coletivo do lugar onde habitam e realizam, elaboram e reelaboram sua dinâmica de sociabilidade, que singularizam as formas do viver urbano.

Compreendendo que a memória coletiva se insere dentro de uma dinâmica dialógica entre passado e presente, os processos museais vão mais além da ideia de se preservar um passado em si mesmo, “mas promove a extroversão das ordens temporais que não se restringem às ordens lógicas de funcionamento da cidade moderna ou às políticas de preservação do passado” (ROCHA e ECKERT, 2012:27). Portanto, a musealização do patrimônio etnográfico de um determinado grupo social revela por meio da memória o dinamismo sociocultural, os afetos e sentimentos de pertencimento desse grupo ao lugar que compõem a trajetória histórica que lhes conferiu uma identidade nos seus aspectos social, cultural e humano.

Dentro dessa perspectiva, a transformação da Mina Brejuí em um parque temático, que inicialmente foi pensado para atender a lógica de se preservar uma memória para ser um lugar de visita turística, se revelou como um projeto que deu visibilidade, sobretudo aos moradores, para perceber que as relações de vivência do cotidiano do trabalho dentro das minas e dos moradores da vila dos operários estão ali representadas dando sentido ao dinamismo social da comunidade que mora no entorno, a qual ligada às lembranças, compreendem as mudanças que a cidade passou na reordenação do seu espaço territorial com a construção de novos prédios e a transformação de ruas residências em áreas comerciais, além de buscarem no passado uma esperança para um futuro próspero com o retorno das atividades na mina Brejuí.

Essas transformações que ocorreram na Mina Brejuí e na paisagem de Currais Novos, insere a mina também no debate acerca do processo de patrimonialização, o qual nesse contexto, sugere os patrimônios da cidade como fruto de reivindicação identitária de um grupo social, que se reconhece como mineradores e sujeitos atuantes do processo histórico, que provocou mudanças profundas na estrutura física da cidade, nos hábitos e costumes. Esse patrimônio que surge como resultado de reivindicações de um grupo que se percebe como pertencente de uma cultura que compartilha uma memória coletiva em comum é resultante do movimento de ampliação dos processos sociais de patrimonialização. “Não só os processos sociais de patrimonialização, mas a própria categoria de ‘patrimônio’ vem sofrendo, nas últimas décadas, uma notável expansão. Falamos de patrimônio etnográfico, patrimônio natural, patrimônio ecológico” (GONÇALVES, 2012:60). Ou seja, a delimitação do que pode ser patrimonializado está ligada ao valor histórico, sociocultural e ambiental que uma

comunidade, grupo, empresa, movimentos sociais e outras formas de agregação social, atribuem a esse lugar, objeto, expressão, formas de vida, entre outros.

O campo de atuação do patrimônio, atualmente, abrange uma gama de elementos e categorias que não só ampliam o seu conceito, mas o complexifica, pois o papel das políticas de patrimônio não se faz refletir apenas como uma forma de preservar e resgatar a memória que corre risco de sofrer apagamento, mas se insere num debate que se analisa os efeitos que o processo de patrimonialização provoca ou pode provocar sobre as memórias, identidades e, sobretudo, na vida social e cultural daquilo em que se pretende aplicá-lo.

3. Considerações Finais

A musealização da Mina Brejuí por meio da criação de um parque temático permitiu a transformação dos espaços de trabalho de operários em um lugar de memória, mesmo que dentro desse parque possua um memorial que evidencia a vida do proprietário da empresa Tomaz Salustino, não deixa de trazer como proposta um espaço que possui em suas marcas a identidade coletiva de um grupo social que se constituiu como mineradores através das atividades que realizavam dentro da mina, bem como por meio dos elementos materiais que se transformaram em símbolos das atividades desses trabalhadores, tais como as fardas e os instrumentos que utilizavam no cotidiano. Além disso, a preocupação dos moradores de Currais Novos de não permitir o apagamento de um passado que dialoga com o presente, inseriu a cidade dentro do processo de patrimonialização que foi redefinindo a estrutura física do local com a construção de prédios e monumentos que referenciam o período áureo da Mina Brejuí e rememoram as relações sociais dentro da mina e em seu entorno.

Desse modo, analisando essa mina como um *locus* constitutivo de uma memória histórica coletiva, conduz à reflexão acerca da inserção desse lugar de memória no campo complexo e abrangente do processo de patrimonialização presente na atualidade, que entre outros aspectos, pode ser resultado de reivindicações identitárias de grupos sociais.

Sendo resultante de reivindicações que abrigam as necessidades e os valores da comunidade local, esse processo ocorrido na Mina Brejuí a enquadra na concepção do

Princípio da dinâmica patrimonial, o qual embasado na Constituição Federal de 1988, estabelece que o bem patrimonial não é apenas àquele ligado ao seu valor de ancianidade, mas que agrega valores e elementos do tempo presente, de modo que atenda às necessidades e interesse dos sujeitos que à ele se sente pertencente.

4. Referências

BEZERRA, Â. Do trabalho à memória: um ensaio sobre a identidade dos mineradores e o processo de patrimonialização da Mina Brejuí em Currais Novos/RN. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 15, n. 36, p. 11-52, ago./dez. 2014.

BURKE, P. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 215 p.

DESAN, S. Massas, comunidade e ritual na obra de E.P. In: HUNT, L. (Org.). **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 63-96.

GONÇALVES, J. R. S. As transformações do patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente. In: TAMASO, I. M.; LIMA FILHO, M. F. (Org.). **Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012. p. 59-72.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006. 224p.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: PUC-SP, 1993. 28p.

PESAVENTO, S. J. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris**, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. 393p.

POLLAK, M. Memória e identidade social. Estudos Históricos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. Cidades e processos museais: saberes sobre os tempos e seus arranjos nas metrópoles contemporâneas. In.: MAUÉS, R. H.; MACIEL, M. E. (Org.). **Diálogos Antropológicos: diversidades, patrimônios, memórias**. Belém: Ed. L&A, 2012. p. 15-31.

_____. **Etnografia de Duração: antropologia das memórias coletivas nas coleções etnográficas**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013. 256p.

SOARES, I. V. P. **Direito ao (do) patrimônio cultural brasileiro**. Belo Horizonte: Fórum, 2009. 478p.



SOUZA, C. F.; PESAVENTO, S. J. **Imagens urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1997. 292p.

VAINFAS, R. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, C. F. (Org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 127-162.